



TRAJETÓRIAS FEMININAS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS NO VALE DO JEQUITINHONHA: Um levantamento a partir das pesquisas sobre migração.

DIAS, G.A.¹; MAGALHÃES, F.R.².

¹Discente do curso Engenharia Agrícola e Ambiental IFNMG – campus Araçuaí; ²Docente do IFNMG – campus Araçuaí

Palavras chaves: Mulheres camponesas; Migração; Gênero; Vale do Jequitinhonha.

Introdução

A implantação de grandes projetos no Vale do Jequitinhonha a partir da década de 1960 resultou na expropriação e expulsão de camponesas e camponeses de suas terras. Esses projetos foram propulsores para a expulsão e invasão de terras camponesas pelas grandes empresas reflorestadoras e fazendeiros (MAIA, 2000; SERVILLE, 2008). Este contexto agravou as questões sociais do Vale (MATTOS, 2001), afetando de modo especial o pequeno produtor e intensificando o êxodo rural.

Graziano e Graziano Neto (1983) e Silva (1999) enfatizam que ao perderem a sua terra, os/as camponeses/as tiveram suas vidas deterioradas, como resultado da perda de seus meios de produção e de vida, impossibilitando a sobrevivência em seu local de origem, forçando esses/as camponeses/as a deixarem o seu local de origem para outras regiões em busca de emprego. Esse fenômeno da migração sazonal é vivenciado por muitas famílias do Vale do Jequitinhonha e conforme Souza e Paula (2016) migrar não expressa a fuga desses/as camponeses/as, mas sim uma forma de resistir às forças de expulsão geradas pelo capitalismo.

Para Martins (1988) essa modalidade de migração não se limita ao deslocamento entre regiões. É um processo complexo que modifica os padrões culturais, a relação familiar, a própria identidade perdida nas trajetórias de idas e vindas e deve ser tratado no âmbito sociológico. Para Silva (2015) migrantes se tornam pessoas que estão ausentes em um lugar (no local de origem) e invisível em outro, no que se refere a perda de identidade no local de destino. Todos(as) estão envolvidos no processo migratório, tanto as pessoas que partem quanto as que ficam.

Tal problemática é o foco de nossa investigação. O objetivo deste trabalho é apresentar parte dos resultados de uma pesquisa que teve início em 2020, realizada a partir do levantamento das produções científicas acerca da migração sazonal no Vale do Jequitinhonha. O tema que destacamos neste resumo são as trajetórias das mulheres nesse processo de migração sazonal evidenciando seus dilemas entre partir e ficar.

Metodologia

A metodologia que norteou a pesquisa foi essencialmente qualitativa e se deu a partir do levantamento das produções científicas acerca da temática. O levantamento permitiu a classificação das pesquisas sobre migração no Vale do Jequitinhonha por temas. Dentre os enfoques, destaca-se a discussão sobre as trajetórias das mulheres em situação de migração. O levantamento bibliográfico consistiu de leituras e discussões dos textos produzidos a partir das pesquisas sobre migração com foco na região do Vale do Jequitinhonha. A pesquisa bibliográfica nos possibilitou uma visão mais ampla da realidade vivenciada por mulheres inseridas neste cenário migratório. E isso, foi essencial como instrumento para construção de uma proposta de pesquisa mais aprofundada sobre a temática em seus vários

contextos.

Resultados e discussão

Ao analisar a migração sazonal no contexto da população camponesa, observa-se que na organização da família, alguém do grupo familiar precisa ficar na propriedade para desempenhar as tarefas agrícolas durante o tempo de ausência dos que partem. Normalmente, essa função é atribuída às mulheres. Em virtude das relações de gênero prevalentes na sociedade, cabe às mulheres as funções relacionadas à reprodução, ao cuidado da casa, dos filhos, da terra, da lavoura (SILVA e MELO, 2009). A permanência das mulheres nos locais de origem dos migrantes, é uma estratégia de permanência da família na propriedade e resistência à proletarização do grupo familiar. (SILVA, 1988; SILVA e MELO, 2009).

Segundo Silveira (2012), a migração é algo que faz parte do cotidiano de mulheres do Vale do Jequitinhonha desde a infância. Quando crianças, elas vivenciam a ausência dos pais e irmãos. E, quando adultas, vivem com a ausência dos companheiros/maridos e filhos.

Inicialmente quem migra é o marido e/ou filhos. Silva (1988) afirma que a inserção das mulheres na migração representa o último esforço para a proletarização definitiva e o início do abandono da terra, pois esta já não consegue garantir a sobrevivência da família.

A partir da década de 1960, mulheres camponesas do Vale do Jequitinhonha, começaram a partir para a região de Ribeirão Preto/SP, principalmente para a colheita do café e o corte de cana. “Eram mulheres casadas, solteiras, viúvas, sós, com filhos pequenos, maiores, lactentes, grávidas” (SILVA e MELO, 2009, p. 135).

Segundo Tubaldini e Diniz(2011), nos últimos anos o fluxo de migração de mulheres em busca de trabalho vem aumentando, principalmente para a colheita de café no interior de Minas Gerais. Esse fenômeno se mostrou expressivo a partir da perda de emprego dos homens na colheita da cana de açúcar em São Paulo.

Silva et al (2020), afirma, a partir de um trabalho realizado em uma comunidade do Alto Jequitinhonha, que as mulheres relataram que a decisão de migrar, foi um movimento de libertação para elas. Foi um caminho que possibilitou a realização pessoal e coletiva. Mesmo assim, o fato de ter mais autonomia, não as isentam de sofrer o machismo e as questões atreladas a ele. Observou-se que esse processo colocou-as em um processo que antes não seria possível.

Por outro lado, quando analisada a migração sazonal no contexto feminino, fica claro que esta se dá de forma forçada. Segundo Silva (2015), a saída de mulheres em busca de emprego se dá no extremo da miséria, da necessidade e no anseio de sobreviver, principalmente pela sobrevivência dos filhos, confirmando essa afirmação, a autora traz o relato de Margareth, mulher negra, migrante, que por muitos anos vivenciou os dramas das idas e vindas em busca de melhores condições de vida. Esta relata a experiência como pior de sua vida, principalmente por deixar os filhos pequenos e ter que enfrentar uma vida dura sem o mínimo de dignidade.

Silva e Melo (2009) ao analisar a trajetória migratória de três camponesas do Vale do Jequitinhonha traz à tona o rosto feminino da migração sazonal do Vale do Jequitinhonha para as usinas da região de Ribeirão Preto no final da década de 1980 e os seus dilemas entre as idas e vindas. Apesar da miséria se constituir na principal propulsora para a saída, “recaia sobre elas, o peso da organização social de gênero assentada numa gramática sexual que, além de discriminar as mulheres, impunha-lhes valores cujos significados configuraram o destino social de suas vidas” (SILVA e MELO, 2009, p.142). Segundo a autora, essas mulheres foram tornadas invisíveis nesse processo migratório.

Tubaldini e Diniz (2011) ressaltam que a migração sazonal feminina tem contribuição muito significativa no sobretrabalho da mulher. Quando retornam para as suas propriedades, precisam realizar todas as atividades deixadas no período em que estavam trabalhando. Neste sentido, os autores afirmam que a rotina diária de trabalho das mulheres migrantes também tem sido muito intensa durante os meses em que permanecem em suas comunidades E isso tem gerado muitos problemas de saúde.

Quando as mulheres ficam, são responsáveis em manter a casa, cuidar dos filhos e manter a lavoura e a organização e manutenção do núcleo familiar (SILVA et al, 2020). Souza e Paula (2016) afirmam que o recurso de transferência de renda (Programa Bolsa Família) é a principal fonte de renda das mulheres que permanecem no local de origem. O valor é utilizado para pagamento das despesas básicas da família.

Essas mulheres são consideradas “viúvas de marido vivo”. Segundo Silva (2015), essa definição muitas vezes leva a interpretações errôneas, uma vez que ela pressupõe que mulheres nessa situação são incapazes de sobreviver sem os maridos. A autora considera que tais mulheres desenvolvem práticas individuais ou coletivas para superarem as dificuldades.

Reis (2018) afirma que além de todas as funções desempenhadas, as mulheres também assumem o cuidado dos maridos quando retornam adoecidos. Neste contexto, as mulheres precisam reorganizar as suas vidas, assumem mais uma função dentro da família. “Os papéis de gênero são reorganizados num novo cotidiano em que há, por um lado, a desconstrução da masculinidade, o homem agora passa a depender da mulher, por outro, o reforço da função cuidadora da mulher” (REIS, 2018, p.157). Segundo a autora, cabe a elas também as idas e vindas aos médicos e ao INSS na busca pelo direito da aposentadoria ou auxílio doença, que na maioria das vezes é um direito negado a esses trabalhadores. De acordo Silva (2015), no final dessa travessia, resta apenas a esses trabalhadores “a doença do corpo, a incapacidade para o trabalho, a humilhação e o não reconhecimento da doença por parte das instituições” (SILVA, 2015, p.36).

Considerações finais

Analisar a migração sazonal somente na perspectiva dos que partem não revelam os impactos no grupo familiar do (a) migrante. Esse movimento de saídas e retornos modifica tanto as pessoas que migram, quanto as que permanecem no local de origem, essas pessoas fazem parte de um mesmo ciclo. Com essa pesquisa procurou-se evidenciar a temática da migração sazonal no Vale do Jequitinhonha, especificando as trajetórias femininas neste cenário migratório. Com isto espera-se estimular outras pesquisas dentro desta temática que é muito acentuada na região.

Agradecimentos

Agradeço especialmente ao IFNMG – Campus Araçuaí que a através do financiamento da bolsa de Iniciação Científica possibilitou a realização da pesquisa, que foi de grande importância neste processo de construção do conhecimento.

Referência

- GRAZIANO, Eduardo; NETO, Francisco Graziano. As condições da reprodução camponesa no vale do Jequitinhonha. Perspectivas: **Revista de Ciências Sociais**, v. 6, 1983.
- MAIA, Cláudia de Jesus. " **Lugar" e " trecho": migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha**. 2000. 193 f. Tese (pós – graduação em Extensão Rural) - UFV, Viçosa
- MARTINS, José de Souza. O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: MARTINS, José de Souza. **Não há terra para se plantar neste verão**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p. 43-61.
- MATTOS, Sônia Missagia. **Artefatos de gênero na arte do barro**. Vitória: Edufes, 2001.
- SERVILHA, Mateus de Moraes. **As relações de trocas materiais e simbólicas no Mercado Municipal de Araçuaí MG**. 2008. 166 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. Melancolia e trabalho. **IV Fórum da Mulher do Vale do Jequitinhonha**. Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha e Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, 2015.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes; MELO, Beatriz Medeiros. Partir e ficar. Dois mundos unidos pelas trajetórias de migrantes. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 17, n. 33, p. 129-151, 2009.
- SILVA, Roberta Alves; SANTOS, Rafael Pereira; RECH, André Rodrigo. Trilhas femininas: leves pegadas ao ritmo da expropriação no contexto do Alto Vale do Jequitinhonha Mineiro. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 56, 2020.
- SILVEIRA, Dirlane. **A vida das mulheres quilombolas e a migração sazonal do Médio Jequitinhonha, Minas Gerais**. 2012. 31 f. Monografia (pós – graduação em Gestão de políticas públicas) – Programa de Pós-graduação em Educação para a Diversidade - Universidade Federal de Ouro Preto. Araçuaí, 2012.
- TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos; DINIZ, Raphael Fernando. Gênero, Agricultura Familiar e (Re) Organização do espaço rural em comunidades quilombolas de Minas Novas e Chapada do Norte–Vale do Jequitinhonha/MG/Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.